



AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CRIANÇA E INFÂNCIA NA IMPRENSA ESCRITA EM CHAPECÓ/SC - Um olhar sobre a década de 50 -

Aline de Fátima Lazarotto – UNOCHAPECÓ¹

Resumo:

Este artigo procura tecer algumas reflexões acerca das representações sociais da criança e da infância na imprensa escrita de Chapecó na década de 50. Neste período três jornais irão ganhar o cenário do Oeste Catarinense, caracterizando um contexto de novas transformações, principalmente no que se refere a disputas políticas. A imprensa neste período manteve-se, como afirma Rizzini (2006), “o abismo infranqueável” entre a “criança privilegiada” e os “menores marginalizados”. Buscou-se trazer as representações sociais como um campo de investigação, contribuindo desta maneira para ampliar os olhares sobre a criança e a infância, e para fortalecer as discussões acerca das Políticas Públicas para a Infância e a garantia dos Direitos das Crianças. será o espaço para divulgação de idéias que irão intervir, principalmente, sobre a criança e a infância, que

Palavras-chave: Criança. Infância. Imprensa escrita.

Introdução

Este trabalho procura abordar as representações sociais da criança e da infância na imprensa chapecoense na década de 50. Busca-se investigar qual o tratamento dado a esta parcela da população em um período determinado da história tentado, desta maneira, compreender qual imagem foi construída e desejada pela sociedade neste tempo e espaço.

A imprensa escrita, que aqui será um instrumento para análise das representações sociais, sendo que a mesma “constitui-se como um bom material de análise sociológica onde se manifestam as concordâncias de uma cultura, sua lógica interna, suas contradições” (FUKUI; SAMPAIO; BRIOSCHI, 1985, p.32), será representada por três jornais que circularam na década de 50 em Chapecó.

O olhar dirigido a imprensa em um determinado momento da história, justifica-se na tentativa de captar aos poucos, elementos para a compreensão de determinadas formas de

¹ alinel@unochapeco.edu.br

tratamento jornalístico dispensados a criança e a infância que constitui-se em representações sociais que determinam modelos de sujeitos e que direcionam práticas sociais.

A delimitação temporal surge através da pesquisa realizado no mestrado² a qual evidenciou a década 50 como um período de disputas políticas e acontecimentos significativos na região Oeste, sendo a imprensa um instrumento ideológico que fortaleceu os interesses partidários da região, a criança surge neste cenário enquanto protagonista deste jogo de poderes.³

As representações sociais da criança e da infância, em destaque os concursos infantis, a busca por uma imagem ideal de criança e por outro lado a triste trajetória de várias crianças abandonadas, caracterizadas até mesmo como “não crianças” vão desvelando no decorrer da pesquisa o quanto às crianças na imprensa, como afirma Ponte (2005, p. 67) “são carregadas de poder simbólico e evocativo, são mais para serem vistas do que serem ouvidas”.

Faz-se necessário buscar entender as representações acerca da criança e da infância para tentar responder as inquietações postas à profissão docente, principalmente no que diz respeito à garantia dos direitos da criança, questões que cada vez mais estão sendo obscurecidas em projetos, leis que não saem do papel e são apenas máscaras para ocultar a difícil realidade de inúmeras crianças brasileiras.

Como sustenta Dallari e Korcsak (1986), é preciso ser grande para conquistar respeito na sociedade e as crianças pequenas, com suas mãos pequenas, já entenderam que não têm como resistir. A força da realidade que minuciosamente embrutece, que desvia os olhares, exclui, explora, não respeita e nem dá o direito às crianças de serem respeitadas. É nesta direção que se pretende buscar as representações sociais de criança e infância, tentando demonstrar o quanto essas representações que circulam através da imprensa foram legitimando ideais sobre esta população.

O cenário da pesquisa

A pesquisa proposta é de natureza histórico e documental e teve como fonte três jornais em circulação da Cidade de Chapecó. Durante quatro meses de 2009 foram realizadas

² Dissertação intitulada “A infância na imprensa escrita em Chapecó – 1939-1979”, defendida em 2010 para o programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ De acordo com Hass (2000, p. 189) “o controle dos meios de comunicação constitui-se numa importante estratégia política dos grupos que disputavam o poder chapecoense deste período. Através deles buscavam influir na opinião pública da comunidade, atacando seus adversários políticos e se projetando favoravelmente na localidade”. Neste sentido, as disputas políticas vão demarcar um momento de muitos conflitos, entre eles, o linchamento de quatro homens em 1950, sobre este consultar o trabalho de Mônica Hass, “*O linchamento que muitos querem esquecer*” (2003).

visitas semanais ao CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina) e Biblioteca Municipal, na Cidade de Chapecó (SC), selecionando peças jornalísticas que se referiam à criança e à infância de 1939 a 1979⁴, para este ensaio foram privilegiados apenas as peças correspondentes as 1950 a 1959.

Ao entrar em contato com as fontes, organizou-se um panorama sobre como a criança e a infância são apresentadas pela imprensa escrita no período abordado⁵. Cada edição foi pesquisada página a página, a fim de coletar palavras ou imagens que se referiam a este tema. Foram privilegiados os cadernos principais e os suplementos infantis não foram considerados.

Para a seleção dos dados iniciais da pesquisa utilizou-se a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1979, p. 89), na qual o autor evidencia os três pólos significativos no processo de organização do material: “a pré-análise, que significa uma organização do material empírico, a segunda a exploração desse material e a terceira o tratamento dado aos resultados, a inferência e a interpretação”.

No momento da organização do material observou-se os elementos de conteúdo midiático apresentado por Meyrowtz (2001, p. 89), que irá classificá-los em: “ideias, temas, tópicos, informação, valores, ideologias, apelos persuasivos, montagem, objetos, personagens, narrativas, gêneros (temática ou topicamente definidos)”.

Esses elementos contribuem para uma melhor aproximação com as peças e principalmente para perceber de que maneira a criança e a infância vem sendo retratadas pela mídia impressa, assim como perceber que mensagens estarão presentes nestas apresentações.

Tendo como ideia central que as mídias são “condutores” que enviam mensagens, cabe ressaltar a importância desta “alfabetização midiática” que de acordo com Meyrowtz (2001, p. 89) “envolve ser capaz de acessar e analisar mensagens numa variedade de media”. Neste sentido o autor segue:

Isto inclui estar capacitado a decodificar e decifrar a intenção manifesta da mensagem; explorar as mensagens latentes intencionais ou não; estar conscientes de diferentes gêneros de conteúdo; estar conscientes das forças culturais, institucionais e comerciais que tendem a levar certos tipos de mensagens enquanto outros são evitados; e entender que diferentes indivíduos e grupos tendem a “ler” os mesmos “textos” diferentemente (MEYROWTZ, 2001, p. 89).

O objetivo não será somente um panorama de peças jornalísticas sobre criança e infância e sim a tentativa de decifrar as intenções manifestadas nas mensagens. Para isto foi

⁴ Elementos, partes que constituem gêneros do jornal, segundo a jornalista Juliana Vinhas.

⁵ Consideraram-se as peças que se referiam à criança, do nascimento até os 12 anos de idade, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, art. 2º, da lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

necessário explorar as peças jornalísticas por conteúdos e compará-las, pois de acordo com Meyrowtz (2001, p. 89) “A importância do conteúdo midiático é mais visível quando outros elementos das comunicações mediadas são ignorados e quando um elemento A é contrastado com um elemento B real ou hipotético”.

Além da observação dos elementos de conteúdos presentes no material coletado foram observadas também as “variáveis gramaticais” dos media, que são específicas de cada veículo de informação. Neste momento não se classificou as características de cada jornal decorrente dos limites desta pesquisa, porém observaram-se aspectos como: tamanho/formato da página, cor(es) do papel, espessura do papel, tamanho da fonte, uso do itálico/negrito, localização na página, fotografias seu enquadramento, tipo do papel.⁶

A partir destes elementos propostos por Meyrowtz (2001) as peças foram classificadas em três grandes blocos para a terceira etapa que foi o tratamento dado aos resultados e a interpretação dos dados obtidos.

O primeiro bloco refere-se às peças que trazem a representação da criança idealizada, associada à inocência, à alegria. Uma criança ordeira e romantizada pelo olhar adulto. O segundo engloba as peças que se referem às políticas assistencialistas, públicas e filantrópicas. Já o terceiro bloco reporta-se às crianças abandonadas e às representações da criança em condição de miséria e violência.

As peças recolhidas dos três veículos de informação totalizaram 103 peças que foram distribuídas nos blocos correspondentes as categorias para análise. A figura 1 representa às peças correspondentes a década de 50:

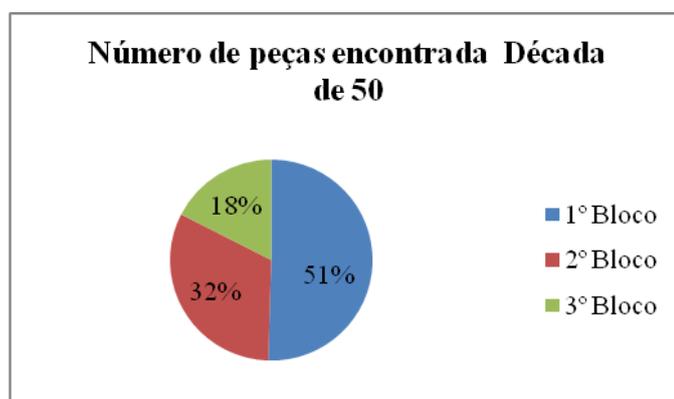


Figura 1. Número de peças encontradas na década de 50.
Fonte: Jornal do Povo, Imparcial e A Voz De Chapecó.

⁶ Aqui se privilegiou alguns elementos apresentados por Meyrowtz (2001, p. 91) que afirma que estas variáveis de produção podem ser manipuladas dentro de cada meio para alterar a percepção do conteúdo da mensagem.

Para compreender as representações de criança e infância evidenciadas pelo material empírico, amparou-se no conceito de “representação social” dentro das ciências sociais definido como categoria de pensamento que expressa a realidade, explica-na, justificando-a ou questionando-a (MINAYO, 1995, p. 89).

Nesta direção, esta pesquisa busca estudar as representações sociais na medida em que elas investigam “justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência utilizados para classificar pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana” (MAZZOTTI, 1994, p. 60). Este caminho torna-se promissor, pois estabelece relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social, principalmente, por seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais (MAZZOTTI, 1994, p. 60).

Os meios de comunicação contribuem para a formação e vinculação de ideias que influem nas ações reais dos indivíduos. Neste sentido, entende-se que estudar as representações sociais através da imprensa é fundamental, sendo que ela constitui um meio para manifestar ideias, conceitos e promover ideologias.

A mídia tem sido grande responsável frente à opinião pública pela construção de imagens e estereótipos de criança e infância. Os estudos acerca das representações sociais irão contribuir para entender essas práticas sociais que são conduzidas por ideologias. Aqui define-se ideologia, de acordo com Althusser (1985, p. 85) como “representação imaginária dos indivíduos com suas condições materiais de existência”.

Cabe também a definição de Chauí (2008, p. 99) sobre o conceito de ideologia como “uma das formas de práxis social, que partindo da experiência imediata dos dados da vida social constrói abstratamente um sistema de ideias ou representações sobre a realidade”. Os autores evidenciam desta forma que esta “representação” está articulada com a realidade, com a prática social, ou seja, a representação imaginária do mundo, o que se encontra na ideologia, é antes de tudo, a sua relação com as condições reais de existência (ALTHUSSER, 1985, p. 87).

Considerando que a mídia atua como agente ativo dentro do processo de socialização e constitui um espaço privilegiado para transmissão social de valores e principalmente de representações, trazer para discussão as representações sociais na imprensa escrita possibilitará compreender as relações estabelecidas entre os sujeitos e a própria realidade. A partir daqui cabe definir o conceito de representação social.

Minayo (1995) ao trazer as contribuições de Marx sobre representação social confirma que para o autor as representações sociais estão comprometidas com as condições de classe e com a base material. São “ideologias do além” colocando como princípio básico o

pensamento e a consciência.

De acordo com Minayo (1995), Marx irá definir as representações como conteúdo da consciência que por, sua vez é determinada pela base material.

Não é a consciência que determina a vida, mas é a vida que determina a consciência. [...] A consciência é desde o início um produto social: ela é a conexão limitada com outras pessoas e coisas fora do indivíduo. [...] A consciência jamais pode ser outra coisa que o homem consciente e o ser dos homens. É o seu processo de vida real (MARX *apud* MINAYO, 1995, p. 98).

Mais adiante Minayo (1995) traz a contribuição de Lukács, pautado em Marx que faz uma abordagem mais específica do conceito de representação social, aproximando-se da ideia de representação social como visão de mundo.

Lukács aprofunda o tema das Representações, em Marx, através da noção de “visão de mundo”. Segundo ele, a visão de mundo não é um dado empírico, mas um instrumento conceitual de trabalho, indispensável para se compreender as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos. Sua importância e realidade também se manifestam no plano empírico. Ela é o principal aspecto concreto do fenômeno da “consciência coletiva”. Segundo Lukács, a “visão de mundo” é precisamente esse conjunto de aspirações, de sentimentos e de ideias que reúne os membros de um grupo (mais frequentemente, de uma classe social) e as opõem aos outros grupos (MINAYO, 1995, p. 102).

Essas contribuições são fundamentais para este estudo, pois o conceito de representação social será abordado, como já se afirmou, orientado pelo conceito de ideologia, que expressa a visão de uma determinada classe social e de seus interesses por meio da imprensa, destacando de que forma essa agência de informação, entendida como um aparelho ideológico, contribui na legitimação de um modelo de criança e infância.⁷

As categorias emergentes do material empírico serão as vozes dessa classe que se apresenta nas representações de criança e infância. Como afirma Spink (1993, p. 86):

A tendência mais marcante, aqui, é a de situar as representações como elementos constitutivos da ideologia – sendo esta definida como um sistema de representações. A ideologia passa a ser objeto central da pesquisa; sendo, entretanto, instância abstrata (ou inconsciente como diriam alguns), o acesso a ela se dá por meio das representações que ela estrutura.

Neste sentido as representações sociais de criança e infância a partir da imprensa escrita serão elementos para compreender as relações estabelecidas na sociedade perante esta

⁷ Este conceito de aparelho ideológico é atribuído a Althusser (1985, p. 68), “Designamos pelo nome de aparelho ideológico do Estado certo número de realidades que se apresentam ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas”.

parcela da população, assim como para evidenciar as minuciosas estratégias para sustentar um sistema amparado em contradições e desigualdades, onde silenciosamente sujeitos são transformados em objetos.

Segundo Minayo (1995, p. 108), “as representações sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e dos comportamentos sociais”.

Assim, as representações sociais irão expressar as contradições e conflitos presentes no contexto em que foram engendradas, revelarão a natureza contraditória da organização em que os sujeitos estão inseridos (MINAYO, 1995, p. 109). Caracterizar as representações de criança e infância na imprensa escrita será fundamental para entender a prática da sociedade e, principalmente, levantar questões a respeito da realidade de inúmeras crianças que estão muitas vezes silenciadas.

Desta forma, traçou-se um panorama das representações sociais de criança e infância nos 10 anos de análise, apresentando de que maneira a imprensa promoveu um modelo de criança e contribuiu para legitimar ideais de infância.

A partir destas indicações tenta-se delinear um panorama das representações da criança e da infância na imprensa escrita, busca-se perceber como afirma Ponte (2009): que crianças são notícias? Quando é que são notícias? Quem tem voz nessas notícias e quem tende a ser ignorado?

“Pequerruchos: os futuros homens da pátria”: representações da década de 50⁸

Na década de 50 foram observados três veículos de informação que circulavam na Cidade de Chapecó: “A voz de Chapecó”, “Imparcial” e o “Jornal do Povo”. As peças referentes à criança e à infância nos diferentes jornais são graficamente mais evidenciadas. Os títulos prescindem de sublinhados e há pouco recurso do itálico. Neste período surgem as primeiras fotografias utilizando a imagem de crianças que em sua maioria são brancas e do sexo feminino.

As políticas públicas de assistência à infância, associando saúde e educação prevaleceram nesta década, representando 32% do total do material coletado. A imprensa escrita fortaleceu neste período um modelo de educar e higienizar os mais novos, indo ao encontro dos ideais de progresso e civilização que ocupava o Oeste Catarinense. É importante

⁸ Imparcial, 3-6-1951.

destacar que a Cidade passava por significativas mudanças neste período, como afirma Tumelero (2010, p. 24):

Naquele momento se efetivou a constituição do recorte regional do Oeste catarinense como terra do trabalho ou celeiro do Sul do país, justamente com um discurso que procurava forjar novas identidades de gênero e novas formas de definição e redefinição de família no contexto da própria produção do Oeste do Estado.

E esse discurso aparece em diversas peças, anunciando as “crianças vítimas de alguma doença”⁹, “conselhos para que não se beije as crianças e lhe causem prejuízos”¹⁰, caracterizando desta maneira a permanência da infância no discurso médico com a necessidade de sua higienização, regeneração e civilização. Tudo isto para conformá-la e discipliná-la dentro dos padrões considerados normais.

Com forte apelo aos cuidados higiênicos da criança e com as doenças, a imprensa divulgou o trabalho e as propostas de assistência influenciadas pelas políticas da DNCr e LBA, além de promover os eventos comemorativos onde os médicos foram figuras presentes. Observe-se a peça a seguir:

Semana da criança de 10 a 17 de outubro

[...] Dia 11 palestra: “A criança na idade pré-escolar”, **médico Rubens Rauem**. [...] Dia 17 de outubro “Concurso de Robustez e Saúde infantil”, entrega de prêmios e desfile de gêmeos. [...] Apelamos aos pais que inscrevam seus filhos no Concurso de Saúde e Robustes infantil, para maior êxito da Semana da Criança.¹¹

Percebe-se nas peças jornalísticas a presença do médico, Dr. Rubens C. Rauem que era proprietário de um hospital na Cidade e esteve à frente de todos os projetos ligados à saúde da criança, aos concursos de robustez, entre outros.

A figura do médico na imprensa demonstrava o trabalho desse especialista nos postos de puericultura, caracterizando-o com um “amigo da família e da sociedade”. Como coloca Muller (2005) a participação da comunidade foi fundamental para a formação de laços e ações solidárias. Este foi o primeiro passo para a quebra da resistência às inovações, às medidas sanitárias e a disseminação dos discursos médicos nos meios familiares.

A relação do médico junto à família foi uma prática adotada no fim do século XIX, com o objetivo de exercer influência sobre a mulher, alterando os comportamentos da família e principalmente a assuntos relacionados à criança.

⁹ Imparcial, 7-11-1954, Capa, p. 1, ano IV, edição 186.

¹⁰ Imparcial, 12-12-1954, p. 3, ano IV, edição 189.

¹¹ Imparcial, 4-10-1959, p. 3, ano VIII, edição 411.

Além dos postos de assistência à maternidade e à infância, a medicina também esteve presente nos concursos de “Boneca viva” e “Robustez infantil”, onde a criança será definida sob o discurso eugênico e o concurso de beleza e robustez adquire significado como exibição de um tipo ideal da raça. Para Gouvea e Veiga (2001, A.1, p. 11) o movimento eugenista teve na Educação um dos pilares básicos:

Além de ser incluído no ensino escolar, multiplicaram-se palestras, cursos, encontros, voltados para sua difusão. É nesse quadro que os concursos de robustez e beleza foram instituídos, apropriando dos movimentos de afirmação de cuidados à criança, agora espécie e futuro da raça.

Nas notícias sobre os concursos realizados destaca-se a presença de algumas figuras sociais que se dividiam entre médicos, autoridades públicas, e membros da igreja, principalmente as “senhoras brasileiras”, que tomavam frente na promoção de eventos como a “Semana da Criança”.

“Semana da Criança”

Encerramos finalmente a Semana da Criança. E se não podemos dizer que teve um transcorrer brilhante pelo menos satisfatório, pois, foi **uma festa dedicada as crianças e as mães**. Haja visto o **concurso de Robustez Infantil**, onde as mães orgulhosamente procuraram **apresentar os seus ricos e robustos pimpolhos**. [...] O nosso Prefeito Municipal, [...] em sua palestra inicial focou a questão da necessidade e a esperança da fundação de um “Patronato agrícola” neste município. [...] cuja finalidade é e deve ser de assistência completa a infância desamparada. [...] ¹²

A peça anterior segue apontando as condições em que se encontram as instituições de assistência e os desvios das poucas subvenções recebidas do Estado. As figuras importantes e suas ações são destacadas, especialmente a “doação de uma grande área de terra para a construção do Patronato agrícola pelo [...] Coronel Ernesto Francisco Bertaso”. ¹³

Além dos concursos e das promoções direcionadas para a legitimação de um ideal de criança para a nação, a educação intelectual também é neste período fortemente divulgada pela imprensa. O discurso da imprensa traz a importância da leitura para formar “leitorzinhos” e sugere as revistas como “Sesinho” e “Tico-tico”. ¹⁴

¹² Imparcial, 16-11-1952, p. 3, ano II, edição 86.

¹³ O Coronel Ernesto Francisco Bertaso, foi um dos maiores responsáveis pela vinda de inúmeras famílias do Rio Grande do Sul para Santa Catarina. Os Bertaso desenvolveram com muita força o “papel de colonizadores do oeste”. A respeito ver Monica Hass (2000).

¹⁴ Jornal do Povo, 22-6-1952, p. 3, ano IV, edição 372.

Revistas Infantis prof. Lotar Matos do Amaral

Não basta, pois as crianças já estão atoladas na pernicioso leitura de tais revistas. [...] Apelar para que os pais não deixem seus filhos lerem tais venenos, também, não melhorará a situação, pois se não lêem em casa, certamente lerão em outros pontos. [...] Porque finalmente as autoridades não auxiliam a impressão de mais algumas de mesmo teor? Então acabaríamos de vez com a “Mocidade Gibi”, para surgir a mocidade moralizada e protetora do Brasil do porvir.¹⁵

Brites (1992), ao realizar um estudo sobre a revista “Sesinho” destaca que esses periódicos apresentavam um projeto de infância para um nível da sociedade brasileira, disseminando tarefas, disciplina e delimitando destinos. Ao analisar a revista, em específico a “Sesinho” a autora conclui que as ideias vinculadas a esse periódico:

Reafirmou valores que, naquele período, com sinais de modernidade (cinema, quadrinhos), em sua perspectiva, poderiam se perder – religiosidade, obediência, estudo –, com forte teor de moral e civismo, mostrando que, apesar de escrita num período considerado redemocratizados, preservou aspectos conservadores e deu continuidade, de forma ampliada, as propostas discutidas no Estado Novo (BRITES, 1992, p. 134).

Os pontos apresentados por Brites (1992) são indicadores para observar os discursos da imprensa, a promoção da leitura das revistas seja a “Sesinho”, “Ciranda” ou “Tico-tico”, reafirma o ideal de criança educada, disciplinada, sadia, inocente, indo ao encontro do ideal de homem para nação.

Se observada a imprensa até o momento apresentada, é possível indagar para quais crianças e famílias eram direcionadas esses discursos. Quais eram as crianças que tinham acesso à leitura, escola, assistência? Quem eram as crianças que seriam os futuros cidadãos servindo a nação?

De acordo com Muller (2006, p. 12), o envolvimento das famílias da elite em ações solidárias era uma das alternativas para “a quebra da resistência às inovações e medidas sanitárias com a contribuição da imprensa”. Neste sentido a imprensa foi um meio para divulgar os ideais de criança, encontrando terreno fértil na elite brasileira. Diante disto a autora traz uma contribuição que merece destaque no contexto dessa análise:

[...] a imprensa foi um veículo de divulgação e produção de um discurso voltado para a classe burguesa, mas com a pretensão de educar as mulheres pobres para “civilizá-las dentro dos padrões burgueses”, cuidado à criança, sem que fosse preciso discutir as verdadeiras causas da mortalidade infantil e as condições de vida da população de baixa renda (MULLER, 2006, p. 12).

¹⁵ Imparcial, 16-9-1951, Capa, p. 1, ano I, edição 30.

Assim, ao observar as peças jornalísticas que se referem às crianças em condições de abandono, percebe-se o quanto à imprensa silencia as reais condições de vida desses sujeitos. Ao promover um ideal de criança bela, robusta, anjo, ela promove a desvalorização de outro grupo de crianças.

De acordo com Alvim e Valladares (1988) as décadas de 40 e 50 são marcadas por um aumento significativo da população entre zero e 19 anos. Esse crescimento vai constituir um grande desafio que tanto o Estado quanto às iniciativas privadas procuravam enfrentar. As autoras apresentam esses números em uma tabela na qual se pode destacar que a população de zero a 19 anos cresceu aproximadamente 50% nos períodos de 1872 a 1980. Só nos anos de 1950 e 1960 o crescimento foi de nove milhões a mais do que nos períodos anteriores, demarcando desta maneira o aumento significativo da população infantil nesta fase. A preocupação com a infância se fez premente neste momento, pois grande parte desta população sempre fez parte dos segmentos mais pobres do país (ALVIM; VALLADARES, 1988, p. 8). Mesmo com diversas políticas e programas assistenciais que se instalam neste período a questão da criança abandonada, em condições de miséria serão o desafio da década de 50. Como colocam Alvim e Valladares (1988, p. 9):

Com efeito, paralelamente ao processo de modernização e industrialização que o país conheceu a partir dos anos 50, assistir-se-ia a uma urbanização acelerada, concentrada, que apesar de apresentar um relativo dinamismo do emprego industrial, geraria acentuados níveis de desigualdade e pobreza.

As novas mudanças no sistema econômico do país vão refletir nas condições materiais e sociais de milhares de pessoas, as peças referentes às crianças abandonadas, em condições de miséria serão o exemplo da contradição existente na sociedade. De um lado ter-se-á a criança sadia, feliz, alegria da família e de outro “menores perambulando pela cidade”.¹⁶

A imprensa vai apresentar as notícias referentes às crianças em condição de abandono como “pequenos esfomeados”, “miseráveis”, com um discurso que vai legitimar uma imagem negativa, dos que não serão crianças, serão “menores vagabundos”.¹⁷

As peças abordam a criança em condição de miséria, passando frio, fome, porém a única alternativa apresentada pelo discurso do jornal é de que essas crianças que perambulam

¹⁶ Jornal do Povo, 2-2-1952, p. 2, ano II, edição 50. Zona superior da página.

¹⁷ Jornal do Povo, 19-4-1952, p. 2, ano II, edição 61.

pela cidade sejam fiscalizadas pela justiça como se fossem criminosos.¹⁸

Neste sentido, essas crianças não têm direito a educação, assistência, ficam nas mãos de instituições de correção como criminosos, mas como afirma o discurso do jornal “bem longe das cidades”. A formação intelectual cabe apenas a algumas “crianças”, aos “menores” o trabalho agrícola.¹⁹

Assim, percebe-se o quanto à imprensa contribui para consolidar uma imagem negativa da criança menos favorecida, promovendo ações de repressão e representando esses sujeitos como criminosos. Ao analisar as fotografias sobre o cotidiano de meninos e meninas do Serviço de Assistência ao Menor (SAM), Muller (2006, p. 14) afirma a “tristeza pela revelação das imagens de uma história de sofrimento e maus tratos de crianças e adolescentes pobres no Brasil”.

O material empírico coletado no período de 1950-1959 evidenciou a promoção de políticas governamentais, mostrando um sistema que “aparentemente” funcionava, mas por outro lado, em suas entrelinhas caracterizou a condição real de uma parcela da população: as crianças menos favorecidas. A elas não se deu nem o direito de serem vistas, pois aparecem na imprensa como incômodo, sem identidade, vistas como “não crianças”.

Algumas considerações

Buscar nas entrelinhas da história as representações de criança e infância através da imprensa escrita da Cidade de Chapecó permitiu perceber como o jornal pode ser um bom material de investigação, pois na imprensa suas notícias, reportagens, imagens não são somente ocorrências e registros, mas possuem ligação direta com a realidade. Como afirmou Zicman (1985, p. 90), “Todo o jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio filtro”.

A análise das representações sociais de criança e infância na imprensa escrita permitiu verificar a realidade expressiva de uma sociedade. As matérias, notícias e imagens revelaram os espaços destinados à criança, assim como as diferentes formas em que elas foram caracterizadas ao longo do período.

As categorias que emergiram do material empírico evidenciaram de que forma a imprensa serviu como um meio para promover um ideal de criança, constituído a partir do

¹⁸ Chamada: “*Com vistas às autoridades a onda de crianças pedindo esmolas na cidade*” (Jornal do Povo, 8-6-1951, p. 4, ano I, edição 19).

¹⁹ Imparcial, 20-7-1952, Capa, p. 1, ano II, edição 69.

olhar adulto e ao mesmo tempo promoveu a desvalorização de outro grupo de crianças. Isto vai sendo justificado pelo modelo de sociedade que se instalava no período em destaque, quando os valores humanos perdem os seus significados.

O material empírico evidenciou o quanto à imprensa serviu ao modelo político e ideológico promovendo uma criança ideal, futuro “homem” da sociedade. Aqui são pertinentes as colocações de Pilotti e Rizzini (2009, p. 327) que concluíram que as crianças e adolescentes transformaram-se, “não apenas no objeto dos cuidados e da intervenção higienista patrocinada pelo Estado, mas num canal de acesso e controle, por meio do qual era possível penetrar nas famílias para conferir-lhes o padrão desejado”.

Por outro lado a imprensa projetou uma imagem de criança pobre, descaracterizando uma população. Como afirma Pilotti e Rizzini (2009, p. 324) “Gente que não se encontrava sob a égide de ninguém e, portanto, um problema para o enquadramento e controle social”. Esses sujeitos tiveram suas identidades ocultadas, foram apresentados de forma negativa, crianças que se transfiguraram em “menor”, em outras palavras, o filho do pobre.

A partir desta pesquisa, conclui-se que a imprensa é um veículo de divulgação para produzir e reproduzir ideias e que essas ideias circulam nos diferentes espaços sociais, legitimando práticas acerca da população infantil. Quando se abre um jornal e, atualmente, depara-se com uma maior visibilidade das crianças na agenda jornalística, percebe-se que as condições ainda são de exclusão, miséria e abandono. As crianças negras, indígenas continuam nas ruas, nas periferias sendo vítimas de abuso e exploração. Por mais que os movimentos sociais e as denúncias sejam em grande escala, é preciso não só um espaço no jornal, mas sim uma condição digna para que de fato a mudança aconteça.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. R. B.; VALLADARES, L. P. Infância e sociedade no Brasil: uma análise da literatura. **Boletim Informativo e Bibliográfico-BIB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Anpocs, n. 26, p. 3-37, 1988.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRASIL. **Lei 9.394 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996.

BRITES, Olga. **Infância, trabalho e educação: a revista Sesinho (1947/1960)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da PUC/SP, 1992. 146 p.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DALLARI, Dalmo de Abreu; KORCZAK, Janusz. **Do direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 1986.

FUKUI, Lia F. G.; SAMPAIO, Efigênia M. S.; BRIOSCHI, Lucila R. A questão do trabalho infantil na grande imprensa paulista na década de 70. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, n. 152, p. 28-46, jan./abr. 1985.

GOUVEA, Maria Cristina Soares de; VEIGA, Greive Cyntia . **Uma contribuição para a história da infância: festejos comemorativos da criança**. Artigo publicado na ANPED, GT História, 2001.

HASS, Monica. **Os partidos políticos e a elite chapecoense: um estudo de poder local – 1945-1965**. Chapecó: Argos, 2000.

_____. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó, 1950-1956**. Chapecó: Argos, 2003.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

MEYROWITZ, Joshua. As múltiplas alfabetizações midiáticas. **Famecos**, Porto Alegre, n. 15, ago. 2001.

MINAYO, Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVICTCH, Sandra (org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 89-111.

MULLER, Tânia. **O jornal Diário de Notícias e a imagem da criança ideal**. In: III Seminário Internacional – As redes de conhecimento e a tecnologia: professores professoras: textos, imagens e sons. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. v. 1.

_____. **A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa: imagens da imprensa e do estado do cotidiano de crianças e adolescentes do Serviço de Assistência ao menos – SAM (1959-1961)**. Artigo publicado na ANPED, GT História, 2006.

PEREIRA, André Ricardo. A criança no Estado Novo: uma leitura na longa duração. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 19, n. 38, 1999.

PILOTTI, Francisco; RIZZINI, Irene (org.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTE, M. Cristina. **Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000)**. Lisboa: ICS/Imprensa de Ciências Sociais, 2005.

_____. **Crianças e jovens em notícias**. Lisboa: Livros Horizontes, 2009.

_____. **O movimento de salvação da criança no Brasil ideias e práticas correntes de assistência à infância pobre na passagem do século XIX para o XX**. Congresso Brasa VIII Vanderbilt University, Nashville, Tennessee, USA, 13-16 de outubro de 2006.

SPINK, M. J. (org.). **O conhecimento no cotidiano: o estudo empírico das representações sociais**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 85-108.

TUMELERO, Micheli Rodrigues. **A Legião Brasileira de Assistência e os investimentos feitos sobre as mulheres e as crianças na construção de uma “Nova” Chapecó – SC (1940-1960)**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina – Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010.

ZICMAN, Renée Barata. História da imprensa – algumas considerações metodológicas. In: PROJETO HISTÓRIA, n. 4, **Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História e do Departamento de História**, PUC-SP, p. 89-102, out. 1985.